

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO BOLSISTA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DO PIBID PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Alnaria Andrade de Oliveira
Anamizia Soares de Queiroz
Clara Gabriella Batista de Oliveira
Eliane Pereira Cavalcante
Eliziana dos Santos Bezerra
Flávia Raquel Sousa Soares
Francidalva Leonardo da Silva
Joseany Vieira de Araújo
Simone da Silva Martins
Wandro Lopes da Silva

Resumo: O presente relato apresenta reflexões em torno da docência compartilhada de bolsistas do PIBID no campo do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Ele é fruto das ações empreendidas com o uso dos gêneros discursivos, em turmas do Ensino Básico, enquanto forma de desenvolver as competências leitora e escritora do aprendiz. O arcabouço teórico que o sustentou advém dos PCN (1998), Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), Freire (1996), etc. A análise das ações apontou para a validade do Programa, sendo visível, ao longo do tempo, que escola, aluno e bolsistas avançam qualitativamente quando a língua é tratada na perspectiva social.

Palavras-chaves: PIBID; Língua Portuguesa; Ensino-aprendizagem.

Abstract: The current report presents reflections on the shared teaching by PIBID students in the field of teaching and learning the Portuguese Language. It is the result of actions taken with regard to the use of discursive genres, in Basic Education classes as a means to develop the reading and writing abilities of the learner. The theoretical basis that sustained the study comes from the PCN

(National Curricular Program) (1998), Bakhtin (2000), Marcuschi (2008), Freire (1996), etc. The analysis of the actions pointed to the validity of the program, showing over time that the school, the school children and the PIBID students advance qualitatively when the vernacular is treated from a social perspective.

Keywords: PIBID students; Portuguese language; Teaching-learning.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vem se tornando uma política pública de grande relevância e valorização do magistério, tendo em vista que atende diretamente os cursos de Licenciatura, possibilitando aos bolsistas atuação no seu campo de trabalho, desde o início de sua formação, e ainda o acesso à sala de aula, afim de que os mesmos tenham a oportunidade de desenvolverem projetos que possibilitem e facilitem o ensino e a aprendizagem dos diversos campos do saber.

O presente relato ressalta a importância das ações sistematizadas e vividas no âmbito do Subprojeto de Língua Portuguesa – *Canteiros de linguagens: praticando as habilidades leitoras e escritoras de alunos do ensino básico através de gêneros discursivos*, vinculado ao Centro de Formação de professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras. O objetivo principal consistiu em analisar como os processos de engajamento vivenciados pelos bolsistas do PIBID em sala de aula possibilitam ao licenciando de língua materna a integração com professores da rede pública de ensino e com os alunos da educação básica. Inicialmente, buscou-se debater de que modo os bolsistas de iniciação à docência se insurgem nas ações que evidenciassem um caráter interdisciplinar com a língua materna, primando, sobretudo, pela relação entre a universidade e a escola e, ainda, buscou-se refletir sobre as práticas em torno do trabalho com a leitura e a produção de gêneros textuais enquanto aporte produtivo nas práticas docentes.

À luz da perspectiva interativa de língua e de ensino, entendemos que as práticas diárias dos aprendizes estão intimamente ligadas a situações reais de uso da linguagem, daí ser crucial na escola um trabalho engajado com as diferentes formas de expressão, materializadas através de textos, como forma de garantir ao aprendiz refletir sobre o funcionamento da sua língua nas mais diversas instâncias. Neste sentido, o Subprojeto em tela tem registrando experiências inovadoras e avanços significativos em sala de aula.

Ensino de língua portuguesa e o trabalho com gêneros textuais na escola

No campo do ensino de língua materna hoje, é notável que o uso de gêneros textuais tem recebido grande importância para o ensino de língua numa perspectiva integradora e social. Não é à toa que, ao longo do tempo, eles têm ganhado importante espaço nos livros didáticos e conseqüentemente no discurso do professor.

A concepção de gêneros textuais difere entre alguns estudiosos e, ao mesmo tempo, une-se entre outros. Cada estudioso tem sua concepção de gêneros, mas com um ponto em comum: de que eles são facilitadores no que se refere à aprendizagem e ao uso da língua, cabendo ao professor utilizá-los da melhor forma possível.

O estudioso russo Mikhail Bakhtin foi o primeiro a empregar a palavra *gênero* com um sentido mais amplo, referindo-se às diferentes modalidades de texto que empregamos nas situações cotidianas de comunicação. Segundo Bakhtin(2000), todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tenhamos ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes gêneros textuais que podem ser caracterizados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo (procedimentos

recorrentes de linguagem). Ele ainda diz que os gêneros podem ser de dois tipos: os *primários*, os mais elementares no cotidiano dos indivíduos, ou seja, são constituídos de uma comunicação verbal mais espontânea; e os *secundários* que estariam vinculados a uma linguagem verbal mais elaborada, mais rígida, e se situariam no campo dos textos mais formais e científicos, como é o caso do relatório, da resenha, da palestra, dentre outros.

Marcuschi (2008) concebe os gêneros textuais como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, já que eles contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. É nesse sentido que, segundo o autor, os gêneros textuais surgem, proliferam e modificam-se para atender às necessidades sócio-comunicativas do usuário da língua, bem como às inovações tecnológicas que hoje demandam o surgimento de gêneros específicos. Assim, é notável que a quantidade de gêneros hoje é muito maior do que nas sociedades que nos antecedem e que será cada vez maior no futuro, o que implica um trabalho na escola em torno dos usos sociais que tais textos têm na vida dos aprendizes da língua, não estando eles atrelados apenas à operacionalização formal da escrita. Assim:

[...] os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise de gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual. (MARCUSCHI, 2008, p. 20)

Tal ideia é defendida pelos PCN (1998) ao entenderem as práticas linguísticas escolares enquanto espaço privilegiado para a reflexão sobre as formas atuação dos alunos no cotidiano através dos textos orais e escritos. Através de tal reflexão, é possível ao aprendiz se colocar enquanto sujeito histórico, político e social.

Nesse sentido, o ensino de língua materna configura-se na atualidade enquanto espaço privilegiado para a reflexão sobre como a língua atua na formação de sujeitos crítico-reflexivos e é por isto que tem sido visto como apropriado e produtivo formar alunos à luz da funcionalidade que os gêneros têm em suas vidas. Já não cabe mais na aula de língua materna o trabalho com o mecânico, como o formal, com o descontextualizado.

Assim, considerando que hoje uma valiosa metodologia no ensino de língua portuguesa é o trabalho com os diversos gêneros que circulam a vida dos nossos aprendizes, partimos do pressuposto de que é necessário repensar a atenção dada aos textos na sala de aula. Defendemos que a exploração deles em espaço escolar aponta para avanços significativos nas práticas de letramento que cada vez mais procuram atender as várias demandas sociais e culturais existentes. Compreender que as nossas práticas discursivas estão intimamente ligadas ao uso e ao domínio de variados gêneros textuais, seja, elas também orais e fruto das nossas experiências pessoais, implica do em formar cidadãos conscientes para os usos da linguagem. É nesse sentido que os gêneros da ordem do relatar, cujo domínio social é o da *memória* e da *documentação das experiências humanas vividas*, representam importantes formas de incentivar a leitura e produção textual em sala de aula, apesar de, muitas vezes não serem foco de atenção pelo professor.

Na escola o trabalho com as *memórias* pode ser introduzido pelos gêneros textuais que têm como base lembranças pessoais; memórias construídas a partir de fatos que são lembrados e integrados no momento vivido, conforme Costa (2009). Por meio das recordações, é possível co-

nhecer histórias que remontam o passado, que nos mostram outros modos de viver, outros jeitos de falar, diferentes formas de comportamentos e de culturas, o que implica nas infinitas possibilidades de se trabalhar com gêneros textuais em sala de aula para promover acesso a diferentes textos orais e escritos do dia a dia.

Metodologia

À luz do aporte teórico sinalizado neste estudo, o relato em tela partiu da observação da experiência da docência compartilhada por bolsistas do Subprojeto de Língua portuguesa em uma das escolas públicas do sertão paraibano atendidas pelo PIBID, especificamente nas seguintes turmas: 6º ano do Ensino Fundamental, 2º e 3º anos do Ensino Médio e uma turma da EJA.

Para o ano de 2015 foi eleito como foco das ações do Subprojeto em tais turmas o trabalho com os gêneros de *memórias* (relato de experiências vividas, diário, biografia, cordel, etc) a partir dos quais os bolsistas puderam inserir, nas aulas dos professores, propostas produtivas de trabalhar com os conteúdos escolares tomando como apoio o uso de tais gêneros.

Além da observação das aulas, foi aplicado um *questionário* a oito dos quatorze bolsistas envolvidos no Subprojeto Língua Portuguesa, atuantes na escola, para aferirmos as impressões que tais sujeitos têm sobre o andamento do Programa e também sobre as metodologias empregadas em sala de aula para o trabalho com os gêneros textuais. Coube também neste questionário perguntar acerca da importância do PIBID para o ingresso na docência e como o subprojeto vem contribuindo para sua formação acadêmica. Com base em tais dados, reflexões importantes emergiram acerca das práticas de ensino de língua materna.

As ações dos bolsistas do PIBID nas aulas de língua materna

As práticas de ensino com as quais lidaram os bolsistas do PIBID língua portuguesa, conforme mencionamos, voltaram-se para a didatização dos gêneros textuais em sala de aula, para que os alunos se relacionassem com as peculiaridades dos textos que servem para memorar ou rememorar vivências pessoais.

A partir de processo, não podemos deixar de destacar que, em tal contexto, os bolsistas também enfrentaram grandes dificuldades devido às más condições encontradas em muitas escolas do Ensino Básico, o que ocasionou, muitas vezes, a resistência por parte do alunado no que diz respeito à realização das atividades propostas, de modo que isso se tornou um desafio a ser vencido pelos bolsistas que têm o papel de instigar e despertar o interesse do aprendiz. Apesar de tal situação, ficou visível que, estando o bolsista consciente do seu papel, o trabalho na escola torna-se salutar na medida em que se leva para a sala de aula atividades dinâmicas que conduzem o aluno à reflexão, ao debate, à exposição oral etc. A observação da experiência dos bolsistas com o gênero *relato de experiência* provou isto, pois, além de promoverem o debate e acesso à história pessoal de cada um, os bolsistas contribuíram para formação crítico-reflexiva de cada aprendiz que, muitas vezes, tem sua fala silenciada em situações simples de escolarização. Como sabemos, na escola nem sempre há espaço para o texto oral dos alunos.

O trabalho com o gênero *diário íntimo*, desenvolvido na turma do 6º ano, também foi bastante singular. A partir da leitura e análise do texto *Memórias de Emília*, do escritor Monteiro Lobato, e de trechos da série *Sítio do Pica Pau amarelo*, os bolsistas puderam apresentar aos alunos as características composicionais e linguísticas de gêneros da ordem do expor e narrar. Após a sistematização de tais características e de debates em torno dos gêneros de *memórias*, foi solicitada à turma a primeira produção

textual, a saber, o esboço inicial do diário íntimo de cada, no qual eles poderiam relatar sobre fatos importantes vividos por eles durante sua trajetória escolar.

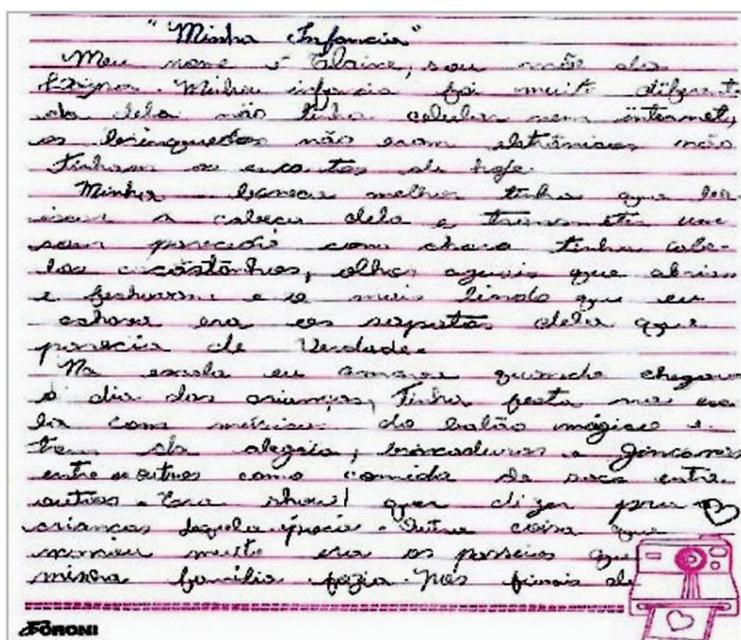
Já era esperado que eles apresentassem dificuldades em diversos componentes da língua, como na ortografia, na concordância, na regência, nas relações de coesão e coerência, dentre outros, sobretudo, por se tratar de uma turma composta por alunos e “desacreditados” pela escola. Tendo diagnosticado tal realidade, os bolsistas promoveram uma série de atividades com debates, leitura, interpretações, de modo a cativar e incentivar os alunos a produzirem seus textos pessoais, já que os primeiros esboços apontaram uma realidade marcante na escola hoje: os alunos não sabem escrever efetivamente.

Após serem promovidas diversas ações envolvendo os gêneros de memórias, e também com a conquista das turmas pelos bolsistas, começaram a surgir resultados positivos quanto ao processo de produção textual, mesmo que lentamente.

Com a turma do 6º ano, especificamente, trabalhadas as dificuldades na escritura inicial dos alunos, foi solicitada a escritura de um novo texto, com base no primeiro, no qual eles iriam abordar além da vivência escolar, questões relacionadas à vida fora dos muros da escola. Com isto pudemos constatar, através das observações, importante avanço nas produções textuais. Os alunos se mostraram mais maduros, mais seguros e animados em escrever sobre aspectos reais de suas vidas, apesar de ainda haver um ou outro que não gostou da ideia de expor sua vida, suas memórias. Os alunos entenderam que a leitura e a escrita são processos que os tornam sujeitos sociais e que os conteúdos escolares convergem para a leitura do mundo que, muitas vezes, supera a leitura das palavras que eles escrevem, conforme Freire (1996). Ao perceber isto, os alunos se sentiram sujeitos reais e perceberam que a escola também pode ser espaço para ouvir e relatar vivências. O texto abaixo, produzido por um dos alunos, reafirma

tal discussão na medida em que o aluno rememora coisas de um tempo passado não muito distante, mas significativas para sua vida.

Imagem: Texto de memória produzido por aluno do 6º ano do Ensino Fundamental



Mesmo que ainda sejam perceptíveis, no texto acima, certos desvios na língua, ressaltamos aqui o avanço que o autor do texto teve ao produzir sua memória. Além dele, outros alunos puderam imprimir suas impressões pessoais por escrito, como uma forma de colocar-se no mundo enquanto sujeito vivo, sujeito cidadão e detentor de uma história, passando a perceber na escola um fórum importante de leitura e produção de textos, apesar de termos percebido que este foi apenas um pequeno começo de um processo muito longo ainda.

Com isto, pudemos perceber as melhorias que o subprojeto tem apresentando na vida escolar de muitos alunos pelo Brasil a fora, além, é claro, de promover importante amadurecimento acadêmico dos bolsistas envolvidos em tais ações, pois todos são agraciados com o privilégio de vivenciar novas experiências na relação aluno/ professor/escola. E, sem dúvida, as práticas com a língua, embasadas em metodologias que privilegiam os gêneros que circulam nas vidas dos alunos, são sobremaneira um importante passo para a constituição aprendizes comunicativos e críticos.

Tal relação ficou constatada a partir da análise das respostas dadas aos questionários pelos bolsistas. A partir delas, chegamos à conclusão de que o subprojeto contribui muito na formação do futuro docente no ensino de língua portuguesa, pois possibilita o desenvolvimento de estratégias teórico-metodológicas cruciais nas relações professor-aluno. É, pois, uma importante política pública de incentivo e o aperfeiçoamento da formação do professor, que, nas maiorias dos casos, consegue vislumbrar o aprendizado efetivo do aluno.

Como teoria e prática devem caminhar juntas nas práticas escolares, o conjunto de ações planejadas e executadas pelos bolsistas, a partir do Subprojeto língua portuguesa em tela, veio a contribuir de forma visível para uma formação integrada e humana dos alunos por ele atendidos, fato corroborado nas respostas dos bolsistas ao se referirem às novas perspectivas de ensino à luz dos gêneros discursivos em sala de aula. Segundo os bolsistas, de fato, os gêneros, além de possibilitarem a exploração da leitura, da escrita, da oralidade e da gramática, possibilitam, sobretudo, a inserção do aluno em um mundo de demandas tão plurais e complexas dos dias de hoje. Algumas dessas demandas, inclusive, não tem sido alvo de tanto debate na escola, como é o caso dos textos de memórias dos alunos.

Conclusão

Ao realizarmos o presente relato, direcionado a debate sobre ao papel do bolsista de iniciação à docência do PIBID de língua portuguesa, foram apresentados vários parâmetros que demonstram o funcionamento e a validade do trabalho dos bolsistas nas instituições de ensino, como também a importância do trabalho com gêneros para que haja a dinamização e aprendizagem dos aprendizes à luz de teóricos da educação que entendem a língua na perspectiva interativa.

Procuramos focar nas dinâmicas de ensino e práticas de leitura e escrita produtivas, privilegiando a natureza e funcionalidade dos gêneros textuais nas aulas de língua materna e, sobretudo, mostrando de forma clara como o projeto PIBID atua nas escolas e também diretamente na vida do estudante de Letras. Através dele, reafirmamos as melhorias e progressos de cada agente envolvido em suas ações, primando pelo fato de não se ignorar as problematizações existentes na educação básica, mas acreditando que os frutos virão com a colaboração daqueles que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

A necessidade de intervenções das bolsistas na proposição das metas para apropriação dos gêneros de *memórias* confirmou algo de grande relevância para o ensino da leitura e da escrita: é preciso ensinar as duas modalidades da língua na escola, a oral e escrita, para que haja apropriação das habilidades linguísticas e discursivas do aprendiz. A partir de tal postura, leitura e escrita se constituirão em um rico repertório de conhecimentos segundo os quais aluno e professor poderão ser parceiros do aprendizado.

Para o trabalho com a produção de textos, especificamente, é urgente na escola políticas que cativem os alunos e lhe ofereçam oportunidades reais e significativas para escrever, ou seja, que culminem na tão sonhada autoria. Como a produção textual na escola representa uma atividade

desinteressante e que não está associada às experiências cotidianas dos alunos, é lógico que escrever representa um grande desafio.

No caso do trabalho com as memórias pessoais dos alunos ficou perceptível o quanto rica foi a experiência dos alunos ao “falarem” sobre si. Eles perceberam que, num jogo linguístico, discursivo e histórico, suas histórias não serão esquecidas e possivelmente passadas de geração em geração.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. 2 ed. rev. ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa*/ Paulo Freire- São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARCUSHI, Luiz Antônio, 1946. *Produção textual análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: parábola editorial, 2008.
- NEVES, Livia Fagundes. *Tratamento dos gêneros textuais em um livro didático de alfabetização*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/11/Neves.pdf>. Acesso em: 10 de set. 2015.